

# IGNORANTES EM TERRITÓRIO

## DA ALDEIA GLOBAL À “ TERRA INCÓGNITA “

Moisés Fazenda Dias (Geógrafo)

A proposta actual para a reforma do Ensino Secundário, pode agravar, ainda mais, a ignorância no conhecimento do nosso território. A situação é muito mais grave quando no ensino básico ele é minimizado, ou desprezado, pelos próprios programas deste nível de ensino. Assim, os alunos chegam ao Ensino Secundário, sem o fundamental conhecimento do seu território. Nos programas ainda em vigor, esta lacuna que trazem do ensino básico, é colmatada no Ensino Secundário em dois agrupamentos, com a Geografia de Portugal do 10º e 11ºAnos, dos Cursos Gerais e em vários Cursos Tecnológicos.

Nesta proposta de reforma curricular, para o Ensino Secundário, a Geografia é praticamente esquecida quer ao nível dos Cursos Gerais ( dos sete agrupamentos criados, aparece apenas, no agrupamento de Ciências Sociais e Humanas e como opção de um ano, no agrupamento de Ciências Socio-Económicas). Também ao nível dos Cursos Tecnológicos ( dos catorze agrupamentos criados aparece apenas num).

Contudo, todos nós temos uma relação vital com o espaço: na forma como respiramos na forma como nos relacionamos com a Luz, ou com a sua ausência; na forma como subsistimos economicamente; na forma como nos relacionamos socialmente; nos lugares vividos (muitas pessoas afirmam que precisam de se deslocar a determinado lugar porque ali rejuvenescem, sentem-se bem ). Muitos escritores têm uma relação muito forte com os lugares da memória: - O que teria sido a obra de Virgílio Ferreira sem a sua Beira Alta, Coimbra ou a sua Évora ? O que seria da obra de Miguel Torga sem a sua Coimbra ou Trás-os-Montes ? O que seria de Fernando Pessoa sem a sua Lisboa, a sua rua dos Douradores ? Camus chegou mesmo a afirmar que nunca escreveu nada que não tivesse a ver com a terra onde nasceu.

Apesar de toda esta dialéctica que individual ou socialmente as pessoas estabelecem com o espaço, ele será quase negligenciado, o que pode trazer consequências que se generalizarão a toda a sociedade portuguesa. Futuramente Portugal será uma imensa terra Incógnita não só para a memória de várias gerações de alunos, empresários, engenheiros, quadros da função pública, professores, jornalistas, arquitectos, economistas, políticos, população em geral. Isto é tanto mais absurdo e insustentável para o futuro quando todos eles actuam sobre o território. Como valorizar um território que desconhecemos ? Como ordenar, planear e gerir um território abstracto e desconhecido ? Como corrigir assimetrias regionais ? Como defender as diferenças culturais regionais se todos nós as desconhecemos ? Como promover o desenvolvimento sustentável se desconhecemos os nossos recursos naturais e humanos ? No fundo como valorizar o nosso território se somos todos ignorantes ? Afinal não é este o nosso único território a valorizar ? Como construir cenários para o futuro ?

Se o território tivesse sido uma prioridade no passado, hoje não assistiríamos a muitos dos problemas actuais, muitos de difícil resolução e que têm agravado, a qualidade de vida da população, tornando a situação cada vez mais sufocante e intolerável. Será um determinismo a má qualidade da água que bebemos, a má qualidade de vida nas grandes metrópoles ou não serão fundamentalmente fruto de opções erradas no território ? O espaço geográfico não é uma entidade abstracta é bem concreto impõe regras que é preciso respeitar. Mas é preciso saber as regras!... ( o exemplo da Venezuela serve para ilustrar como o desrespeito destas regras pode conduzir a situações dramáticas). Esta

proposta de programas, para o ensino secundário, perde uma oportunidade única, de os alunos colmatarem esta lacuna e de uma forma generalizada, aprenderem a apostar no desenvolvimento sustentável do seu território, a tomar decisões, a serem cidadãos responsáveis, solidários e respeitadores das diferenças. Aprenderiam ainda técnicas mais ou menos avançadas de domínio espacial importantes para a sua formação e para o futuro como profissionais.

A Geografia é, por excelência uma ciência do território e tem a vantagem sobre as outras ciências de abordar os problemas de uma forma integradora, isto é de forma menos segmentada, como se fosse uma “Filosofia do espaço”, como um “Clínico Geral” do território, uma ciência de encruzilhada de todas as outras. É isto que lhe dá individualidade, umas vezes aproxima-se das Ciências da Terra (Biologia, Geologia, Meteorologia etc.), outras vezes das Ciências Sociais (Sociologia, Economia, História, etc.) e outras ainda das Ciências Matemáticas. Ninguém deixa de reconhecer a importância que têm as várias especialidades da Medicina, mas o clínico geral desempenha, um papel determinante e complementar.

Perdem-se também competências cívicas, desenvolvidas pela disciplina e que, em última análise, interessam ao próprio poder que pode vir a ser o mais penalizado, quando da definição das várias políticas no território. Como implementar a Geografia das Comarcas sem recorrer a estudos mais ou menos aprofundados do território ? Como construir Hospitais, Escolas, Universidades sem recorrer a lógicas espaciais de gestão de recursos e de mobilidades ? Como criar infra-estruturas para a Segurança Social sem conhecer a estrutura demográfica da população das várias regiões ? Como aplicar os fundos comunitários ? Que consequências trazem as acessibilidades ou a sua ausência para o território ? Como desenvolver o interior ? Qual o papel das cidades, da rede urbana, dos centros históricos, das aldeias, do turismo ? Como defender uma política ambiental ao nível da qualidade da água dos rios, das águas subterrâneas, do mar, das praias, da poluição atmosférica, da gestão de resíduos sólidos e líquidos, ao nível do aproveitamento dos recursos energéticos renováveis, ou outros, se praticamente acabamos com a disciplina que tem problematizado, desde a primeira hora, os problemas ambientais ?

Não acham preocupante que os jovens digam os erros mais grosseiros do território português ? Se não sabem o mais elementar como entender o mais complexo ?

É uma cultura de qualidade, para todo o território e de intervenção fundamental, para os alunos e para o país que a Geografia defende. O direito do aluno ao conhecimento da complexidade do território, é tão importante como a própria língua, a sua cultura, porque é aqui que as pessoas existem e se relacionam, ou não estará este impregnado de cultura?!...

Como é possível que os futuros Arquitectos, os futuros Engenheiros, cuja acção se faz sobre o espaço, não tenha o direito a optar pela disciplina de Geografia que é a ciência que trata da sua complexidade ? Como é possível que quase desapareça para os futuros Economistas ? Esta situação é absurda e vamos continuar a assistir, no futuro, às suas consequências. Resta-nos esperar que não aconteça, o mesmo que ocorreu na Venezuela porque por cá, os indícios da má localização das coisas, já são por demais evidentes.

Grande parte das políticas podem ser mesmo hipotecadas, se não existir uma cultura institucionalizada, assente num sistema de ensino de aprendizagem para o território.

Janeiro de 2000